



*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Segunda-feira, 9 de Novembro de 1908

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. do Arco da Graça, 42, 1.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Tiragem 6:000 exemplares

DE RELANCE...

4.ª SERIE

Brindes sema-
naes aos nossos
assignantes e an-
nunciantes.

2.500\$000

OU

1.200\$000

por um vintem!

Condições do Sorteio

Vêr se n'estes
numeros



Molho de Pasteleiro



A Opinião publica está comnosco.

está contido o nume-
ro da SORTEGRAN-
DE da LOTERIA
PORTUGUEZA de
de 13 NOVEMBRO; se
estiver, o possuidor
d'este jornal tem di-
reito ao DECIMO
3358 para a LOTE-
RIA PORTUGUE-
ZA de 20 de NOVEM-
BRO de 1908.

Aluga-se

ALBERTO FERREIRA
MEDICO-CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 as 11

JANUARIO & MOURÃO

Ourivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 18000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

GATO PRETO

R. de S. Nicolau, (esquina da R. do Crucifixo)

Lindissimos objectos para brindes

Caracteristicos e originaes modelos em
LOUÇA DAS CALDAS

Artigos de Pintura

Tintas a oleo d'aguarella e pastel. Vernizes, telas, pinceis, papeis e todos os artigos proprios.



JAZIGOS DE CAPELLA

A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para agua gaz e electricidade
Grande sortido de lustres em todos os generos



DAS
TREVAS

As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenomes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível, do nascimento.»

1— «Côr da pele, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquerda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinas da pele, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feição do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da pele.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazer em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefera?»

— «Tem tendencia para a violencia para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar depressa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o corpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrega-as muito? Costuma lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

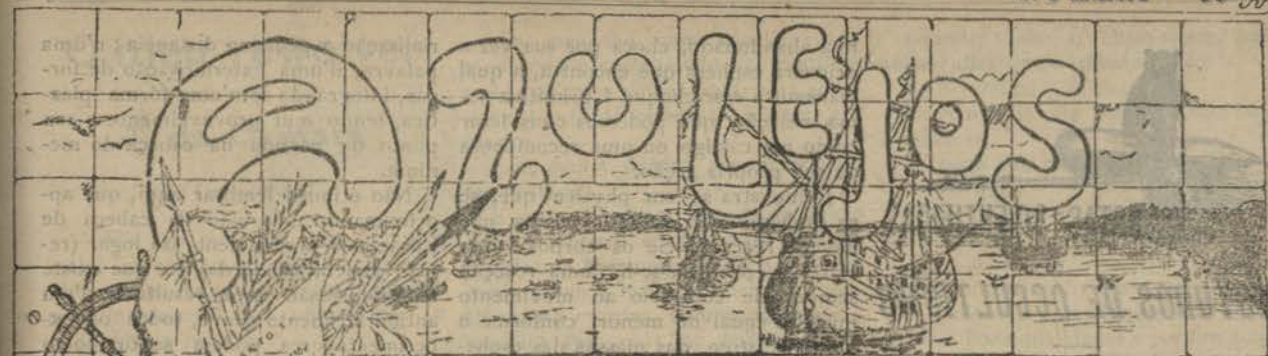
— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre o côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julgarem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discreção.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS A ESTA REDACÇÃO



Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Literarios: J. PACIFICO, EMPÉ e LAMPARINA
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 RUA DO ARCO DA GRAÇA 42 1.ª
 LISBOA

Segunda-feira
 9 DE NOVEMBRO DE 1908

Condições de assignatura
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs
 Colonias..... 400
 A cobrança pelo correio é augmentada
 de 60 réis.

Officina d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Tiragem: 6000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS

uviam-se as oito no
 Carmo.

Cahia uma chu-
 va miudinha
 como em todos

os romances de Montépin e era
 em 1908 como o estão sendo to-
 das as coisas reinadias da nossa
 terra.

A baixa agitava-se n'um bor-
 borinho desusado, n'uma descar-
 ga de portas onduladas e bater
 de taipaes. n'um vae-vem de mar-
 canos carregados de fazendas,
 como se estivesse annunciada a
 reprise do diluvio ou do suffragio
 em S. Domingos.

O Braz cereeiro fechara já a
 porta e ei-lo a caminho da para-
 gem, fazendo signaes ao electico
 que estacava ante o seu dedo ma-
 gro e espetado como ao movimen-
 to de uma varinha magica.

O carro ia quasi cheio.
 Havia apenas um lugar vago.
 Sentou-se, saccudiu-se, incommo-
 dou a senhora que ia ao lado, com

baforadas de mau halito, assoou-
 se com estrondo, passou o olhar
 pelos passageiros molhados e
 somnorentos e estendeu a mão ao
 que lhe ficou em frente.

Amigos velhos. Travaram-se
 cumprimentos.

—Então que é isso? Já? Tão
 cedo?

—E' verdade. A lei; fechar;
 Só n'este paiz é que se veem d'es-
 tas coisas.

E vá de protestar contra tudo
 e todos, insultando o codigo e of-
 fendendo a grammatica, com ges-
 tos de assembleia geral e côres
 de lagosta cosida.

Querem agora que o pessoal
 descance! Não lhe bastava os do-
 mingos! Eu comecei por marçano
 de tenda, levei muito sopapo e
 dormi annos sobre saccas de ar-
 roz.

Levantava-me ao luzir do bu-
 raco e deitava-me noite velha;
 não ganhava cinco réis e era um
 burro de trabalho! E cá cheguei.
 Cá estou. Não apprendi linguas,
 não fiz poltricas, nem toquei em
 sol e-dós, mas fiz-me.

—Ora, atalhava o amigo con-
 ciliador e envergonhado do es-
 candalo, o progresso não conse-
 lha isso. Nós não podemos ficar
 para traz.

—O progresso! Qual progres-
 so! Cantigas! N'outros tempos
 não havia o que ha hoje e vivia-
 se melhor.

O povo tinha mais fé. Faziam-
 se mais promessas. (E quasi em
 voz baixa). Vendo muito menos.

Em velas não tanto, mas pés,
 narizes, braços, é uma lastima!
 E depois, fechar a estas horas lá
 se vae o ganho da noite.

—Mas a cera não é um obje-
 cto de primeira necessidade, ar-
 riscou o amigo.

Não é? Ora essa, não é?

Queria luz electrica nas egre-
 jas, e procissões com bicos de
 gaz?

E o Braz levantando-se colerico
 puxou a correia da campainha e
 saiu aos ss deixando após si um
 rastro de commentarios e sorrisos
 de troça.

—Mas que queria este homem,
 perguntava um velhote meio sur-
 do ao amigo que ficara vexado
 com a discussão.

—Que todos fechem menos
 elle.

—E' Pharmacia?

—Cereeiro.

—Ah! Percebo! Não quer que
 os outros façam cera quando elle
 a não pode fazer tambem!

E o carro seguiu por entre as
 ruas escuras e desertas, atraves-
 sando a chuva miudinha... como
 em todos os romances de Monté-
 pin.

Lisboa, 5—11—908.

JOÃO D'ALDEIA.



ESTUDOS DE OCCULTISMO

Lei da reacção ou de evolução

(Continuação)

Esta propriedade que têm os corpos de reagirem pela sua massa sobretudo o que procura alterar o seu estado de movimento ou de repouso relativo, estende-se a todos os phenomenos da Natureza, observa-se em todos os mundos e pode enunciar-se dizendo que, *quando se exerce uma acção sobre um systema de forças, este reage de modo a produzir uma acção igual e contraria á acção primitiva, isto é, uma reacção* (1).

Vamos agora indagar, e é este o assumpto que nos propomos tratar neste artigo, se a mesma lei que preside á reacção das massas sobre as forças, abrangerá também os phenomenos do mundo moral e deverá igualmente presidir á acção reciproca de duas vontades humanas.

Examinemos, pois, as circumstancias em que se exerce esta lei no mundo physico; vejamos, por exemplo, o que succede, quando um corpo, animado de certa velocidade, encontra outro no seu trajecto e o choca. Depois, pela analyse do phenomeno e applicando a lei da analogia, concluiremos para o que se passa no mundo moral, quando um individuo oppõe a sua vontade a outra vontade alheia.

Tomemos uma serie de esferas de marfim perfeitamente eguaes e suspensas por fios flexiveis do mesmo comprimento, de modo a ficarem em contacto intimo e os seus centros em linha recta. Demonstra-se, e a experiencia prova-o, que, se desviarmos uma das esferas extremas da sua posição e a deixarmos cahir sobre a que lhe está contigua, todas estas esferas ficam paradas, ao passo que a ultima se affastará do grupo com uma velocidade igual á que possuía a primeira na occasião do choque. A razão é que a segunda esfera, chocada pela primeira, exerceu sobre ella uma acção igual e contraria, que lhe destruiu a velocidade de que ia animada.

A velocidade que toma a ultima esfera ao affastar-se do grupo, vae diminuindo em consequencia da acção da gravidade e do attrito do ar; e depois de descrever uma trajectoria, que, a não serem essas causas, deveria ser igual á percorrida pela primeira esfera, volta sobre o caminho percorrido e encontrando o grupo que ti-

nha abandonado, choca por sua vez a primeira esfera que encontra, a qual transmite esse choque á primitiva numa reacção que podemos considerar como um castigo ou uma recompensa da sua propria acção.

Demonstra-se em physica que, se as esferas não forem elasticas, não haverá reacção. Se os corpos forem elasticos, produz-se-ha uma reacção sempre de contrario ao movimento inicial e igual ou menor, conforme o valor relativo das massas das esferas, abstrahindo, já se vê, dos attritos.

Para que a reacção se produza pois com nitidez, é indispensavel que a elasticidade das esferas seja perfeita; no caso contrario não se produzirá o phenomeno e as esferas continuarão a mover-se, mas juntas.

A observação e a analyse de este phenomeno do nosso mundo physico levam-nos á comprehensão dos phenomenos do mundo moral, podendo desde já affirmar com toda a segurança que todo o acto que praticamos, desenvolve uma reacção contraria inicial.

Para fixar ideias, representemos por *A* a acção directa ou indirecta que a nossa vontade exerce sobre a vontade de outro ser; a reacção que sobre ella recae, representa-la-hemos por *B*. E embora a reacção *B* não provenha em muitos casos da vontade do ser sobre quem a nossa vontade actúa, nem por isso deixa de se manter a analogia com o phenomeno physico. As cousas passam-se, como se estivessemos mergulhados num fluido elastico; os actos que praticamos provocam nesse meio um movimento ondulatorio, que, depois de se reflectir no ponto alvejado, recae sobre nós.

(Continúa).

ARTHUR BENONI.

ESPIRITISMO

MATERIALISAÇÕES

Com a medium Eusapia Paladini

(Conclusão)

Como se disse em dois periodos diferentes do episodio, vimos a appareção simultanea de duas mãos, tendo ambas os caracteres de pertencerem a uma mesma pessoa.

Morphologicamente as primeiras mãos apparecidas eram diferentes das segundas, e umas e outras eram também diferentes das de Eusapia.

Além d'isso, ellas sahiam do interstício das cortinas, a uma pequena distancia da cabeça do medium e acima do nivel do gabinete.

Portanto, não se tratava aqui, como no caso precedente; d'um phenomeno de desdobraimento, mas d'uma mate-

rialização a pequena distancia; n'uma palavra, d'uma exteriorização de forças, integrando se n'uma forma plastica, tendo mui provavelmente o seu ponto de partida na cabeça do medium.

Não é inutil lembrar aqui, que approximando uma mão da cabeça de Eusapia, e precisamente do logar (região parietal esquerda) em que existe uma depressão ossea, resultante d'um antigo ferimento grave, todos os experimentadores podem sentir como uma corrente de ar frio, o que conduz á supposição racional de que esta zona craniana do medium é uma via de extrinsecção d'energia psychica.

Só nos resta agora procurar a conexão provavel entre as manifestações que se produziram e a vontade que lhes dirigia a execução.

Em rigor parece que não deve ser excluído o nexo entre a appareção das mãos de creança e a intencionalidade do medium e dos assistentes.

Mesmo é certo que o desejo d'um tal appareção era muito vivo em alguns dos assistentes.

Todavia não se póle dizer outro tanto, com argumentos bastantes, relativamente á appareção das mãos que tomaram a cabeça de Eusapia, chegando a internal-a para traz das cortinas.

N'este facto, podemos até distinguir duas vontades oppostas uma á outra; a vontade contraria á de Paladini foi que venceu.

E' uma circumstancia que nos faz lembrar o terceiro caso da primeira serie, com a differença de que n'aquelle havia duas vontades em contradicção entre si, em quanto que no caso presente trata-se d'uma contradicção manifesta de vontade e de forças.

(Continúa).



Fébre

A. M.

Sinto remorsos, cré, n'este meu peito,
Musa doirada de celeste encanto
D'haver em ti lançado o negro manto
A que ha muito o meu ser já 'stá afeito.

Se tento rir, meu riso é um tregeito
Muito mais triste ainda do que o pranto;
Nem já esses teus olhos que amei tanto
Podem vale. -ne no chorar desfeito...

E tu, ó meigo cherubim sidereo,
Julgaste achar em mim só alegria
E encontreste a aridez dum cemiterio.

Vae-te, clarão de magoado enleio!
Vae-te, ó minha esp'rança dum só dia,
Que eu não sei se te adoro, se te odeio!

AFONSO LOPES VIEIRA.

(1) Chassagny — Cours elementaire de physique.

O meu revolver

FOR

J. da Camara

(Conclusão)

— Eis um remedio para quantos males se soffrem no mundo, pensei. Uma pouca de coragem, um pequenissimo movimento com um dedo... e nada mais é preciso.

E comecei a brincar com o gatilho. — De que serve uma vida de que póde dar cabo coisa tão simples?

E como que para me convencer de que não havia nada mais facil approximei da bocca o cano do revolver.

E vi que tinha medo e me repugnava a morte.

Lembrei-me do frio da terra e do contacto das carnes com os corpos frios e molles dos bichos dos cemiterios. E requeitei em imaginação as sensações da longa fileira dos rigidos cadaveres que eu vi dormindo na valla commum o somno horrivel da morte.

Passou-me um calafrio pelo corpo, ergui-me, levantei a golla do casaco e comecei de passear pelo quarto.

Os velhos retratos enterrados na sombra do *abat-jour* pareceram-me espectros.

Um, sobre todos, lembra-me, causou-me horror profundo.

Era o retrato d'um conego velho, gordo, sem barba, com uma corôa de cabellos grisalhos em torno d'uma calva lisa e amarella.

Tinha uns olhos azues, pequeninos que nos seguiam, qualquer que fosse a posição que procurassemos.

Quando eu era pequeno tinha um dia virado o conego de cabeça para baixo, para vêr se assim não continuava a olhar para mim. Meu avô que n'aquelle mesmo momento entrava no quarto ralhou muito commigo, dizendo-me que aquillo fôra uma falta de respeito, que aquelle conego era meu tio, que fôra homem de muito saber e que até compuzêra uma grammatica latina com a syntaxe em versos rimados.

E eu que detestava a syntaxe e o latim comecei desde aquelle momento de detestar meu tio.

N'aquelle noite pareceu-me que os olhos azues e pequeninos estavam phosphorescentes.

Recuei cheio de terror procurando evitar aquelle olhar.

E os seus olhos pequeninos, azues, phosphorescentes, continuaram a seguir-me com pertinacia.

Passé a mão pela testa e trouxe-a humida d'um suor frio.

Arranquei o *abat-jour* e cheio de falsa coragem approximei-me do retrato.

Estava louco!

— Sou um covarde! Tenho a cobardia d'uma creança, pensei.

E approximei-me d'um velho armario onde tinha uma garrafa d'absintho.

Um caruncho com aquelle ruido monotono e compassado que tanto se ouve nas casas velhas tratava da agradável tarefa de esfarellar o meu armario.

E eu sentia dentro em mim uma tempestade!

E se me tivessem matado, se junto aquelle armario se houvesse passado um drama horrivel, elle teria placidamente, com a maior indifferença, continuado a morder voluptuosamente a madeira resequida na sua obra de destruição.

Abri a garrafa e só vasia a tornei a pôr na prateleira.

Pela segunda vez approximei da bocca, voltando as costas ao conego, o cano do meu revolver.

Senti abrir a janella do bexigoso e ouvi-lhe a voz esgançada:

— Menina Maria! Parou a chuva. Salvou-me a vida. Ouvi-lhe a voz e quiz despedir-me da voz humana. No curto momento que elle levou a dizer aquella phrase, entrou-me n'alma o receio.

— Decididamente, sou um covarde, um grande covarde! E' preciso que beba mais.

E sahi, mettendo o revolver na algibeira.

Pela segunda vez na vida o bexigoso fallára sem dizer tollice. Effectivamente cessára a chuva e apenas algumas nuvens brancas com grandes manchas duma côr mais carregada formavam castellos phantasticos entre os quaes corria a lua com vertiginosa velocidade.

Ao dobrar d'uma esquina encontrei um amigo que havia muito não via.

— Aonde vais? perguntou-me elle. Vais a S. Carlos?

Pareceu-me uma offensa aquella pergunta e estive para lhe responder:

— Não, vou matar-me. Mas não quiz. Dizer-lh'o para quê? Se elle não podia perceber-me?

— Não, respondi. Vou sem destino.

— Já jantaste?

— Ainda não.

— Jantamos juntos nesse caso. E deu-me o braço e começamos de descer a rua.

E eu ia pensando com uma certa alegria no jantar e comecei de ver a morte sob outro aspecto: a morte depois dum bom jantar, numa sala bonita, quente, alumada fortemente por dois lustres de gaz.

Que differença! Que admirava que me tivesse faltado a coragem naquelle quarto frio e humido, quando eu estava possuido da tristeza da fome.

Era frio e fome por toda a eternidade. Brr!

Entreí no hotel, cantarolando um bocado da minha opera favorita.

Defronte de nós, uns americanos bebiam champagne, *veuve Cliquot*, por copos d'agua.

Grande vinho o champagne, não achas? disse-me o meu amigo.

— Magnifico. Hrvêmos de vir bebê-lo aqui um dia des es.

E' pera não podêr ser hoje.

— Porquê?

O meu amigo não respondeu e cõrou até as pontas das orelhas.

E eu achei que para dar coragem nada havia como o champagne. E puz-me a passar revista a todas as suas boas qualidades e por fim achei que eram tantas e tantas, que esquecido da morte... fui pôr o revolver ao prêgo.

FIM

Tres mezes d'amôr

Vi-te linda, serêna, sorrindo
Qual formosa, diáphana huri;
Fascinou-me teu rosto tão lindo...
Logo amôr no meu peito senti.

Escrevi-te mas ai, com receio
Que negasses ao vil teu amôr!
Respondêste! E n'um trémulo anceio
Oh! senti me n'um limpido alvôr!

Que palavras tão dôces dizias...
Que meu triste febril coração,
Sentiu gosos, prazêrs, alegrias,
Em translúcida, ignota illusão!

Ai, que dôce, que amêna ventura,
Em meu peito senti por te amar!
Por amar uma diva tão pura,
Talvez linda sirêna do mar?

Mas, oh! louco, cruel soffrimento!
Pois só fôram três mezes d'amôr!
Tu deixaste-me e agora lamento
O meu golpe tão crú, minha dôr.

Ai, Margarida!
Sendo tão bella
Como uma estrella
Não tens amôr?

Por tua causa
Ai, soffro tanto...
Môrro de pranto,
De crúa dôr.

Oh! minha ingrata.
Linda sirêna!
Tu não tens pêna
Do trovadôr?

Hoje meu peito
Tão torturado,
Triste, cançado,
Chora de amôr.

Porto.

PINTO FERREIRA.

DEFINIÇÕES

Dialectica: Arte que tem por principio a divagação.

Divorcio: Valvula de segurança da caldeira conjugal.

Eqüidade: Uma parente — afastada — da justiça.

Fallar: E' das differentes maneiras de não dizer nada, a mais empregada na sociedade.

PHILOSOPHANDO



ligeira contractura de um dedo levemente apoiado no gatilho de um revolver, marca o termo de uma Vida e abre, de par em par, os braços do Repouso Eterno.

Eis o facto praticado pelo Dr. Alberto Costa — o celebre Pad Zé da esturdia coimbrã — não contra outrem n'um assomo de violencia, mas contra si proprio, n'um instante de desalento, de fraquesa.

— Suicidou-se, praticou um crime, dirão?

Praticou-o, é facto, respondo eu.

O suicidio é, para mim, um assassinio que não dá lugar a remorsos, mas nem por isso deixa de ser um assassinio; porem, logico, dentro de certos caracteres; fatal, em determinadas vidas; imposto em dados casos; defensavel em todos os campos.

Emquanto a crença nos acompanha, nos guia pela pedregosa, árida, torturante Estrada da Vida, vamos galgando obstaculos, transpondo abysmos, vencendo fadigas, mas quando Ella nos foge, nos abandona, então, entrámos de hesitar, e a nossa vontade amollece, o desalento apodera-se de nós, a nossa razão embota-se.

! Sem forças para reagirmos, inconscientemente, começamos a rolar para o abysmo, a principio devagar, insensivelmente, mas depois, a descida accelera, toma as proporções da vertigem, e a breve trecho, tombámos no Irreparavel.

Podem oppôr considerações de toda a ordem contra o suicidio, porque nenhuma terá o poder de evital-o.

Quando a Vida se nos torna pesada e, ao mesmo tempo, se nos affigura com certidão que ella pesa aos que nos são queridos, o suicidio é um facto escripto, imposto, inevitavel, consummado.

Queremos reagir a todo o transe, pensamos na cobardia de semelhante acto, chamâmos em nosso auxilio todo o raciocinio; de tudo emfim lançâmos mão para oppôr ao suicidio, mas todos os esforços se esboroam, se aniquilam, quando a razão tresloucada nos responde:

A ligeira contractura de um dedo levemente apoiado no gatilho de um revolver, marca o termo de uma Vida e abre, de par em par, os braços do Repouso Eterno.

BENTO MANTUA.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consultante: — Palmira E. V. — Agosto de 1908.

Os astros são pouco explicitos a seu respeito. Dizem pouco e esse pouco não é bom.



AOS LEITORES

A consultente é rabujenta e taciturna, tem mesmo tendencia para murmurar do proximo.

Estas más qualidades, fundamentos do seu caracter podem ser atenuadas pela propria vontade. Dou lhe de conselho, que, em quanto é tempo, transforme o seu natural: se o não fizer, se se entregar ás tendencias de seu espirito, verá que a, breve trecho, todos evitarão a sua presença e a sua amizade ou, pelo menos, verá, que toda a gente lhe fiscalizará os actos.

Tambem lhe peço que se não tente com jogos d'azar, especialmente: *loteria e roleta*, porque, se jogar, vae-se lhe a massinha toda por agua abaixo.

Se fôr caridosa não falar mal do proximo, de genio alegre e atirar com a rabugem pela janela fóra, começará a ser feliz aos trinta annos e gosará longos annos de ventura em companhia de seu marido e de seus filhos que serão muitos, talvez dôse; nunca menos de sete.

A sua alimentação: deve banir de lá os féculentos em excesso e as carnes vermêllhas. O vinho deve ser pouco, fraco e cortado com agua gasosa: Faça-se forte nas ortaligas e fructas; poucas pastelarias e pouco teatro.

Necessita ar de montanha: as emanções acres das plantas alpestrés tonificam o seu organismo.

Satisfazendo ao pedido de muitos dos nossos leitores e leitores para que melhoramos o papel do texto, embora façamos a suppressão das capas, que, em virtude da cor do papel, tornam difficullosa a leitura da pagina musical, o **AZULEJOS** sairá d'ora avante com estas modificações e passará a ser publicado aos **SABBADOS**.

Serão mantidas todas as secções interessantes, a pagina musical, criticas theatraes, sendo creadas secções illustradas com acontecimentos d'actualidade e encetada a publicação d'um romance sensacional, conservando se tambem o sorteiro dos decimos, etc.

Afim de introduzirmos todos estes melhoramentos, temos de suspender a sua publicação durante uns dias, apparecendo o 1.º numero da 5.ª Serie no

SABBADO,

21 de Novembro

ENTRE SOMBRAS

(O descrente)

Só me falta saber se Deus existe

ANTERO DO QUENTAL

(Ao meu bom amigo Abílio Ribeiro)

A tarde cahia...
Muito perto d'um rio, junto d'uma
cabana que extrema miséria traduzia,
dois pequenitos de faces cadavericas e

enviava as suas resas d'esperanças pa-
ra que o dia d'amanhã lhe sorrisse
mais carinhoso e feliz...

* * *

E a noite avisinava-se lentamente.
As suas supplicas cada vez se tor-
navam mais fervorosas, mais lanci-
nantes!

Apenas a natureza as parecia escu-
tar na sua mudez lethargica.

De repente, ante os pequenitos um
individuo de olhar indeciso e expres-
são vaga, surge como por encanto!

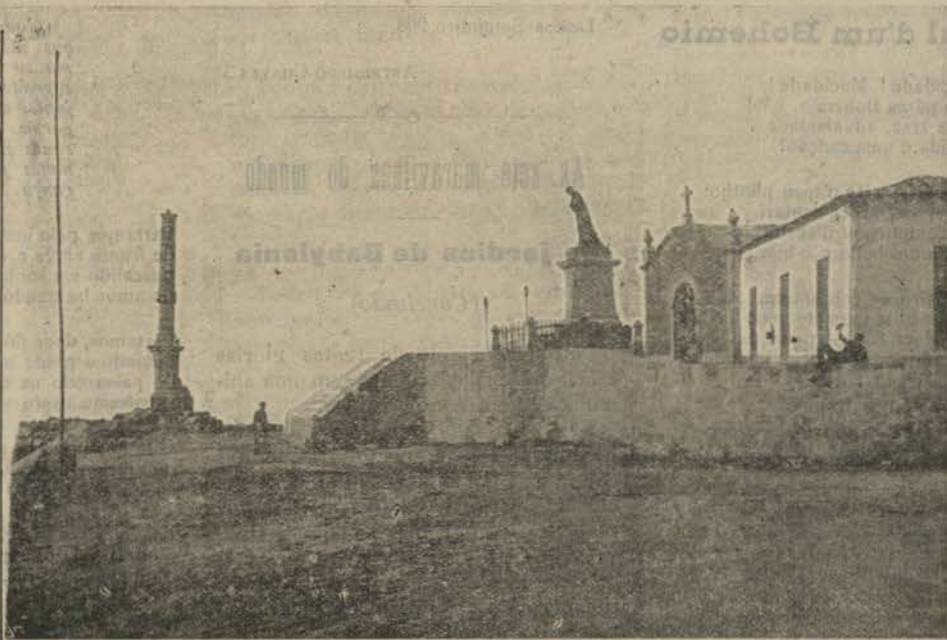
Era um d'esses individuos que ar-
rastados pela corrente d'um pessimis-

Encontra-a silenciosa, algida e tris-
te... Apenas uma luz que junta da ima-
gem d'um Deus inexoravel bruxoleia-
va, mostrava que em baixo, a seus
pés, n'um catre miseravel, uma mu-
lher se torcia em convulsões de frio,
febre e dôr!...

Era a mãe dos pequenitos que com
as vascas da morte se debatia...

E, elles, a um canto, lacrimosos e
soluçantes, enviavam áquella imagem
d'um Deus que não existe, as suas re-
zas de innocencia e amargura por
aquella que era o seu unico amparo e
que, em breve, para sempre as deixaria...

Portugal pittoresco



VIANNA DO CASTELLO.—O monte de Santa Luzia

lividas olhavam, amargamente, para
os céos.

Um d'elles, o mais novo, com o ca-
bello loiro como os anjos, concebidos
pela prodigiosa imaginação de Murilo,
de tempos a tempos, soltava um
gemido cavo que o coração mais du-
ro confrangeria.

O outro que no olhar tinha a tra-
dução leal da cruciante dôr que lhe
despadaçava a alma, preces, tecidas
com soluços e lagrimas, resava, de
joelhos e mãos postas, a Deus que,
impiedosamente, as escutava.

Esse Deus, cuja imagem feita paz e
perdão, elle julgava vêr através do
arminho nervoso das brancas nuvens,
era o d'aquella mesma imagem a que
todas as noites, antes de se deitar,

mo innarravel e pela descrença d'um
dogma fallaz, procurava na solidão o
exilio para as suas locubrações e a
paz para as luctas do seu espirito!...

Ao contemplar este quadro da mi-
seria humana, reprime um gesto de
ironia aos ceos, e pergunta aos peque-
nitos:—«O que quereis?!...»

E elles, n'um pranto amarissimo,
apontando para a cabana que o rio
espelhava na sua corrente crystallina,
respondem lhe:

—«A Deus pedimos que allivio dê
ás cruciantes dôres que martyrisam
ha tanto tempo a nossa pobre mãe!...

E continuam a chorar... a rezar!...

Pouco depois acompanhado dos pe-
quenitos, este revoltado da vida, entra
na cabana...

E ao olhar impassivel d'este des-
crente, — d'esse revoltado da vida, —
duas lagrimas accudiram e com ellas,
entre soluços de compaixão e dôr,
esta phrase:

—«Eis a suprema negação do
Christo!

Porto, 1908.

PEDRO MARIA DA FONSECA.

(Othão)

(Dos «Sombrios»)

Obs.: — Da minha producção «Pa-
gina Erotica» rectifico as gralhas se-
guintes: *escrita*, em vez de *escripto*;
pouco depois; *perolizar*, em vez de *pe-
ralisar*, etc.

(Othão.)

Pensamentos

Ha mulheres que amam mais o seu dinheiro que os seus amigos, mas amam mais os seus amantes que o seu dinheiro.

LA BRUYÈRE.

O Tempo é o amigo da Amizade e o inimigo do Amor.

BARONNE D'ÉBER.

Não é digno de ser auxiliado aquelle que não tem a coragem de se auxiliara si proprio.

CORBON.

Quanto mais o sabio envelhece, mais deve curvar-se como um ponto de interrogação.

LITHÉ

Rubra Digitalis...

Idéal d'um Bohemio

Mocidade! Mocidade!
Não páres Bohemio, não!
Para traz, adversidade...
A vida é uma canção!

Da vida é este o meu plinho:
Saber rir, saber cantar,
Entre um calix d'absintho,
Entre um beijo e o luar!

Dinheiro, só o bastante,
Para não morrer de fome...
Esquecer Kant-o pedante,
E lembrar Sully Prud'homme.

Habitar uma trapeira
Com janellas para os astros
Para não vér na ladeira
Os homens tristes, e rastros.

Mas o interior, santo Deus!
Que seja claro e risonho:
Tapetes da côr dos céus,
Estofos côr de medronho...

Sobre a meza de pau santo,
Entre papeis, alfarrabios,
Ao acaso—que é um encanto
E o horror dos velhos sabios,

Abertos Prudhon e Nobre,
Irradiando luar,
Rosas, camelias e o pobre
Kentucky para eu fumar!

*

Mimi, de tranças doiradas,
—Mimi se chama a creança
Que é a flôr dos namorados,
Minha fé e minha esperança—

Mimi, a Cleo só minha,
—Infantil, voluptuosa,
Será a linda Rainha,
Do meu Reino côr de rosa...

Sapho de nova Cythára,
N'uma luxúria de estheta;
Virá revelar-me a clára
Via-lactea do Poeta.

E entre beijos fecundantes
Como os dos Soes estíviaes
Que na Terra,—a sua amante,
Fazem brotar os trigaes:

Brotará o meu talento
Searas loiras de Versos,
Altos Poemas, que o Vento
Pará p'lo mundo dispersos!

E os homens lendo-os, seismando,
Nova estrada trilharão,
Anciosos, soletrando,
Lá ao longe: — Perfeição.

A vida será um hymno
De paz, alegre, de luz;
Seu fim: o perfeito ensino
Pelo principio — Jesus!

E sempre rindo e cantando
Porque a Vida é a alegria,
O vós que me estaes Zombando,
Zés-dos mortos da Poesia!

E vós tambem, gentes sérias,
Vós que andaes pela cidade
Com atitudes funerias
A prégar a Igualdade!

Vida, Amor! Synthetizado
Eis a minha aspiração!
Rabellais da gargalhada
Beijando a Tolstoi a mão!

Lisboa-Setembro 908.

ASTRIGILDO CHAVES

As sete maravilhas do mundo

Os jardins de Babilonia

(Conclusão)

Não ha exemplo de tantas glorias e magnificencias encontrarem uma aniquilação mais completa.

Sem duvida a furia vinga ôra dos reis de Ninive, muitas guerras, muitas conquistas por alli passaram; mas que cidade illustre se poderá nomear que tenha escapado a taes flagellos? Houve para Babilonia uma outra causa de destruição, causa original, fatal e todavia muito simples: a pouca resistencia dos materiaes empregados Thebas, Memphis, eram feitos de barro e de granito; Sardes, de marmore; Babilonia era feita de tijolo.

A pedra, effectivamente, é rara na Mesopotamia; o barro pelo contrario muito vulgar; por isso a pedra sómente era empregada por excepção e o barro devia servir para tudo.

Heródoto, Quinto Curcio e outros apresentam-nos com muita exactidão a maneira porque naquelle tempo se effectuavam as construcções.

Os tijolos, quasi sempre, eram secos ao sol; o sol de Babilonia bastava para os endurecer; ligavam-nos com uma materia betuminosa apanhada em Hit ou Is, sitio que ficava distante oito dias de caminho. A's vezes deitavam entres as fiadas porções de cannas. Os revestimentos eram feitos de tijolos cosidos e envernizados. Ahi se ostentavam, pintadas a côres vivas, as caçadas ardentes, as batalhas, o desfilar dos captivos, o longo cortejo dos escravos trazendo ao senhor as offerta dos povos vencidos.

Os babilonios conheciam e empregavam a abobada. Todavia o que succedeu? Chovia em Babilonia, ainda

que raras vezes. A agua foi pouco a pouco amollecendo e desprendendo o barro; os terraços abateram, as abobadas desmoronaram-se e, com o decorrer dos seculos, os palacios, os templos, as muralhas ficaram reduzidas a monticulos, ondulações vagas em que os olhos complacentes dos archeologos são os unicos que pôdem reconhecer monumentos.

Actualmente é preciso emprehender excavações profundas para encontrar alguns tijolos intactos; estes trazem inscripções em caractères cuneiformes.

FIM

SONETO

(Guarda estes versos, querida, que são estilhaços de minh'alma... guarda-os no relicario sagrado de teu seio, para lermos juntos alegremente, quando chegarmos ao fim dessa jornada san'a que ora seguimos iluminados pelo flavel sol da esperança...)

Partamos pelo immenso areial da vida,
de fronte altiva e de caminho em fora;
buscando em sonho a terra promettida,
do amor buscando a refulgente aurora.

Partamos, doce flôr estremecida,
ouvindo a prece musical, sonora
do passado na manha florida
—balsamo santo que a alma revigora.

Que nos importa o nebuloso inverno,
que nos maltrata ao longo da jornada,
se nos afaga outro viver mais terno?

A minha vida em tua vida eu vejo
a nossa vida é uma eternal ballada;
o nosso amor apaixonado beijo...

EDGARD AYRES.

Divagando

→→→→→←←←←←

Manha primaveril, o céu d'azul vestido.
No campo a passarada em louco chilrear
Num alegre conjunto espalha pelo ar
As saudações ao Sol, que do seu leito erguido,

Qual amante feliz, esparge pela terra
O seu olhar em braza. Um joven lavrador
Lá mais ao longe canta uma canção d'amor.
—Oh quanta poesia o seu cantar encerra!

Gemendo tristemente as horas nos quintaes
Começam seu labor, monotono constante!
Em quanto ao Sol doirado como feliz amante
Offrece a natureza os labios sensuaes.

Tudo olvidando ali embora se não queira.
Vendo o dia surgir do ventre d'essa aurora;
Sente-se pelo espaço, por esses campos fóra
A palpitar de gozo a natureza inteira.

Zé PEREIRA.

GRAVURAS

Alugam-se nesta redacção
a preço modico.

ILLUSÃO

Estava sobre o leito e accendera
Um cigarro dos meus nervosamente,
Quando por entre o fumo, vagamente:
Ea-vi um vulto de mulher! — Chymera!

Phantasia! talvez. Eram de cera
As faces suas e o olhar dolente
Como hybernal crepúsculo! De repente:
Outra surgiu: — manhã de primavera!

Esta ria d'aquella, immersa em pranto!
Quando surprezo perguntei com spanto:
«Quem és que assim te ris da negra sorte?»

«E tu creança de expressão dorida?!
— Disse a triste a chorar: eu sou a Vida!
— Disse a alegre a sorrir: eu sou a Morte!

Outubro, 1908

A. DE SANTA RITA.

Orfão

— A memória de João de Deus.
— O immortal poeta das creanças.

— Porque choras tu, João?
— A mãe pôz-me de castigo,
E não me deixa ir contigo
Jogar p'rá rua o peão!
Então tu pões-te a chorar,
Porque choras tu também?
Porque já não tenho mãe,
Que me possa castigar!

Outubro, de 1908.

A. DE SANTA RITA.

LADISLAU

VENTURA

(CONTO ORIGINAL)

(a Milton Machado d'Aguiar)

Ladislau Ventura, quando eu o conheci, era um rapaz de 19 anos, magro, trigueiro e de faces encovadas. Os seus olhos negros — como negros eram sempre o futo, o chapéu e a gravata que trazia — brilhavam como dois carbunculos e nêles transparecia claramente o genio ou a loucura. Tinha uma paixão: as «lêtras.» Fazia versos, escrevia romances, arquitétava peças que eu e mais dois amigos íntimos ouviamos sempre com pachorra e ás vezes com prazer. A sua unica ambição era a gloria e a celebridade. Para as alcançar não recuaria diante de nenhum obstaculo. Foi isso mesmo que mostrou mais tarde:

Um dia, cansado de percorrer os theatros para vêr se algum lhe representaria uma peça, farto de entrar nas livrarias sem conseguir que lhe editassem um romance, sentiu-se desanimado. Em breve, porém, recuperou o animo: é que se lembrára do conhecido adagio «querer é poder» e, cheio de coragem, pôz-se em busca do meio de «poder». Achou um magnifico

Com uma atividade febril, em três ou quatro mêzes, manufacturou dois novos dramas e três novos romances, enviou-os pelo correio a um livreiro. Passados alguns dias comprou um camarote no D. Amelia, muniu-se com revolver e — o leitor por certo que ainda não esqueceu essa emocionante tragedia — quando decorria o ultimo acto dos «Amordaçados», desfechou-o sobre a formosa Estér Valdez, que desempenhava a protagonista dessa peça, atingindo-a em pleno coração. Depois voltou a arma contra si...

Numa das suas algibeiras foi encontrado um papel que dizia apenas o seguinte:

«Chamo-me Ladislau Ventura. Não sou ninguém. Amo loucamente uma mulher pela qual nunca me poderei fazer amar. Por isso, morro. Não consentirei, porém, que outro alcance aquillo que eu não posso alcançar: No mesmo dia em que abandonar a vida, arrebaterei também a dessa mulher.»

Todos os jornaes transcreveram estas linhas chamando ao crime «espantosa tragedia vivida», «horriavel drama d'amor», etc. e muita menina romantica chorou e se apaixonou pelo «sombrio heroe de tão comovedora tragedia»...

Pouco tempo depois, os theatros annunciavam as peças do «poetico criminoso» e as livrarias os romances do «terrivel amoroso». Que magnifico reclamo!! As edições esgotaram-se, os theatros encheram-se e hoje ninguém desconhece o nome de Ladislau Ventura...

MARIO DE SÁ CARNEIRO.

N'um postal

Perguntaes-me Senhora em que consiste a Ventura por mim-apedecida?...
— Em ter-vos ao meu lado toda a vida.
— Só assim findará meu Fado triste.

ZÉ PEREIRA

CURIOSIDADES

Quem vive mais os casados ou os solteiros?

Sem receio de nos enganarmos, podemos afirmar que o matrimonio influe na duração da vida. Este facto tem sido comprovado pelas estatísticas e investigações de Buffon, Hufelaud, Odier, Casper e outros medicos notaveis.

Monlau, hygienista hespanhol, calcula, que num periodo dado: de cada 100 solteiros de vinte e cinco a quarenta e cinco annos morrem 28, ao passo que não fallecem mais que 18 casados da mesma idade; e que por cada 78 casados que attingem a idade de 42 annos não ha mais do que 40 solteiros que tenham a mesma sorte.

Não ha exemplo — diz ainda o hygienista — de que qualquer solteiro tenha passado dos cem annos.

Nas mulheres a vantagem da longevidade é tambem evidente a favor das casadas; estas segundo observações estatísticas, chegam a octogenarias e até centenarias, em numero seis vezes superior ao das solteiras.

Superstições de homens celebres

O Marechal Albert fugia de um porco.
O cavalleiro Alcantara sentia-se mal cada vez que ouvia pronunciar a palavra lan.

Augusto, começou sempre a andar com o pé direito.

Bacon soffria uma syncope em cada eclipse da lua.

Oufuido produzido pela agua, correndo num cano, causava convulsões a Bayle.

Julio Cesar tinha medo dos trovões e para evitar o pavôr, que lhe produziam cingia a frente de louro.

O duque de Epernon desmaiava quando via uma lebre.

La Motte-le-Voyer não podia ouvir uma nota de musica. Em compensação, a tempestade e os furacões extasiavam-no.

Tasso imaginava vêr algumas vèzes a seu lado o diabo.

O rei Luiz XIV não podia supportar a vista do campanario de S. Diniz.

Pascal via sempre um precepicio á sua esquerda.

Escaligero tremia ouvindo qualquer berro. Uma lebre ou uma raposa faziam desmaiar Tico Bráhe.

Wladilau, rei da Polonia, perturbava-se ao vêr uma maçã.

Cumulos

Coser umas calças com uma linha ferrea.

Coser couves com uma agulha de marear.

Medir com um metro d'agua.

Aquarellar soldados num castello de cartas

Mastigar com os dentes de uma serra.

Pôr brincos nas orelhas d'um martello.

VARIEDADES

Croquettes de arroz doce — Toma-se uma porção de arroz doce, frio e consistente e fazem-se pequenos pães. Envolvem-se depois em pão ralado, em seguida em ovo batido e depois outra vez em pão ralado e depois de bem envolvidos, fregem-se em banha e vão para a mesa polvilhados de assucar ou em calda.

Semana Alegre

Joãosinho tem seis annos; no dia em que os fez, ao acordar, encontrou ao seu lado um lindo palhaço. A criança ficou surpreendida e um pouco assustada.

— Foi o pae do céu quem te mandou isso, disse-lhe a mãe.

Oh! respondeu Joãosinho, pensativo; mas se Nosso Senhor me queria dar uma prenda, como é que não advinhou que gosto mais de cornetas.

POSTA RESTANTE

C. Fonseca — São proprietaria para o trem estranho as não poder publicar. Mandar, se for boa, publica-se. Só piano.

M. Chagas — O conto vem na selecta franceza.

Zul — O seu romance já foi traduzido e publicado n'ou tro jornal.



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

O GRANDE CONCURSO

DA 4.ª SERIE

Lista dos premios

- 1.º — Um serviço de jantar, em porcellana;
- 2.º — Um estojo com escovas em prata;
- 3.º — Uma doceira;
- 4.º — As quatro series do AZULEJOS encadernadas em percalina;
- 5.º — Uma assignatura para a 5.ª serie.

Condições do Concurso

- 1.ª—Decifrar, durante os 15 números da 4.ª Serie, maior numero d'artigos alem de 150.
- 2.ª—Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.ª condição do concurso, augmentando-lhe o praso, assim:
Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervalo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.
- A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.
- As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Logogrifhos

Por letras

Neste mundo de tormentos, 1, 7, 3, 4, 5, 3
Entre afflicções e mil dores, 10, 6, 2, 8, 9, 3
Lamenta-se a triste vida,
Soffrendo seus dissabores.

Emquanto que um impassível
Não faz caso da existencia
E lá vae com valentia, 10, 8, 9, 4, 2
Estudando esta sciencia.

JULIO SEVERO

[Empty box for logoglyph solution]

Rapido

1, 2, 3, 4
Viga de ferro

Insecto

5, 6
Laço

ZIUL

[Empty box for rapid puzzle]

Charadas

Conhecido nome
Aqui se verá,
Dos livros se diz,
Nos livros está 3.

E' mesmo agradável,
Mui doce e gostoso,
Ao bom paladar
De qualquer guloso-1.

Nas flôres me verá
Seu calix formando,
Procura e cogita
Tua arte empregando.

SAGEDAS

[Empty box for charade]

Biforme

A fibra do metal está no appellido-3.

SAGEDAS

[Empty box for biforme puzzle]

Novissima

Na igreja d'esta villa assisti ao casamento
do filho de Hir-1-1.

JOÃO DA CIDADE

[Empty box for novissima puzzle]

Dupla

E' suave este appellido-3.

ODIN

[Empty box for dupla puzzle]

Truncada

N'esta cidade ha uma planta-2.

PANASCAS

[Empty box for truncada puzzle]

Transposta

Este animal usa vestimenta-2.

UM ESTREMOCENSE

[Empty box for transposta puzzle]

Homonimica

No templo chinês ha uma divindade que é uma verdadeira bambochata 3.

JOÃO DA CIDADE

[Empty box for homonimica puzzle]

Omographica

Do bordão fiz um gonzo-2.

JOÃO DA CIDADE

[Empty box for omographica puzzle]

Formar o nome d'uma rua de Lisboa com as letras da seguinte phrase:

FUNDA CASA, TOADAS

ZIUL

[Empty box for omographica puzzle]

Enygmas

Por iniciaes

A B P C M Q A V
I 2 3 3 1 1 1 5

ODIN

[Empty box for enygma]

M T O R Q E Q O P Q E
2 1 1 2 2 4 1 1 2 2 4

JOÃO DA CIDADE

[Empty box for enygma]

Artigos a decifrar, 13.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 às 5—Rua da Palma, 133, 1.º

ANACLETO DE OLIVEIRA ****
♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦
Rua S. Vicente á Guis, 22, 1.º

Aluga-se

Grande Deposito

— DE —

MOVEIS DE FERRO

— E —

Colchoaria

— DE —

JOSE A. DE C. GODINHO

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.ª, 2.ª e 3.ª Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e letras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

600 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

750 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte do correio.

Heure Douloureuse

Alberto Vilhena

MAZURKA

PROPRIEDADE do Azulejos

Mazurka

INTRODUÇÃO

Lento

p

rit

ff

p *rall*

a tempo

rall a tempo

Coda

ff

p

ff *rall*

p

ff *rall*

a tempo

mf

mf *rall*

a tempo

rall

a tempo

ff

ff

mf

Coda

ff

mf

Forquida